

Representações das histórias das mulheres na coleção indumentária do Museu Julio de Castilhos (1995-2010)

Andréa Reis da Silveira¹, UDESC

Resumo

O artigo apresenta a investigação sobre as representações das histórias das mulheres no acervo de indumentária do Museu Julio de Castilhos (MJC), PoA, RS, no recorte temporal de 1995-2010. Analisa os objetos de três exposições que abordaram perfil das mulheres rio-grandenses. Avalia as doações e a musealização feitas por mulheres, nas quais denominei intelectuais mediadoras. Os dados assinalaram que as construções narrativas da historicidade das peças passaram pela interpretação desse grupo de classe média, branco e de idade cronológica média, que compôs as informações que constam na documentação museológica do banco de dados Donato, e, no Livro Diário do acervo. Os resultados apontaram permanências de estereótipos sobre as histórias das mulheres, problematizando as ações educativas realizadas pelo MJC.

Palavras-chave: Museu; Coleção indumentária; História das mulheres.

Abstract

The paper presents the investigation about the representations of the women's stories in the collection of clothing of the Julio de Castilhos Museum (MJC), PoA, RS, in the 1995-2010 period. The objects of three exhibitions that addressed the profile of women from Rio Grande do Sul are analyzed. It evaluates donations and musealization made by women, which I have called mediating intellectuals. Data indicated that the narrative constructions of the historicity of the pieces went through the interpretation of this group of middle class, white and middle chronological age, which composed the information contained in the museum documentation of the Donato database, and in the Daily Book of the collection. The results pointed to the permanence of stereotypes about the women's stories, problematizing the educational actions carried out by the MJC.

Keywords: Museum; Collections; women's history.

Introdução

O artigo discorre a respeito das representações das histórias das mulheres por meio das peças da coleção de indumentária pertencente ao Museu Julio de Castilhos (MJC). A coleção formada por roupas e acessórios foi constituída entre os anos 1995-2010, a partir da doação de mulheres da sociedade rio-grandense. As peças de indumentária foram utilizadas em três exposições temporárias que aludiram a respeito das mulheres, utilizando um discurso de subalternidade, distinção e insuficiência nas representações.

As funcionárias e diretoras que compunham o quadro funcional ao receberem e incorporarem as peças ao acervo, desenvolveram os procedimentos de musealização que passa pelos procedimentos de documentação, registro, preservação e pesquisa, culminado com a

¹ Historiadora (PUC/RS 1990) e Museóloga (COREM 219-I); Especialista em Museologia e Patrimônio Cultural (UFRGS, 2003), Mestra em Patrimônio Cultural (UFSM, 2011) e Doutoranda no PPGH da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2016-2020).

comunicação aos públicos do MJC pelas exposições e ações educativas. Portanto, os objetos passaram por todo encadeamento museal tornando-se patrimônio do Estado do RS.

O processamento museológico precisa passar por pesquisas que amplifiquem a historicidade do objeto em seu contexto de atuação, dando sentido informacional à peça. O tratamento museológico do MJC ao objeto, finalmente, provocaria conhecimento. De forma que, para investigar as peças de indumentária em suas construções narrativas praticadas pelo Museu, utilizei o banco de dados e o livro de registros das ações diárias onde estão pormenorizadas as informações. As duas fontes, o banco de dados e o Livro diário possibilitaram descortinar os registros elaborados pelas intelectuais mediadoras (GOMES; HANSEN, 2016). No caso, considerei como intelectuais mediadoras as mulheres envolvidas no processo de musealizar as peças: doadoras, funcionárias da Instituição e suas diretoras).

Apoiada naqueles registros documentais busquei desvendar como foram produzidas as representações das histórias das mulheres nas peças de roupas e acessórios, que deram a ver um discurso museal. O Museu na época, auto intitulou-se “museu escolar” em consequência da visitação principal e em grande volume, das escolas das redes pública e particular do RS, que absorveram as narrativas e as representações do discurso.

O Museu como *locus* de produção e disseminação de conhecimentos e informações aplicaria perspectivas de reflexão e conscientização a respeito das histórias femininas contidas em suas peças de indumentária catalogadas? Ou as utilizaria a serviço das permanências do predomínio masculino nas relações sociais, tornando a Instituição um espaço consagratório? Acredito na oportunidade de trabalhar mudanças e rupturas de pensamentos dissonantes às demandas da emancipação das mulheres no tempo presente, como potência da função do Museu. O que esse acervo nos mostra?

O capítulo é composto por quatro subtítulos. Inicia com uma sucinta caracterização do objeto MJC nos seus 117 anos², na qual apresento elementos teórico-metodológicos do processamento museológico. Busco o objetivo de articular a problematização da formação das coleções do museu e as narrativas pontuadas ao longo das práticas a respeito da história e da memória produzida.

O segundo tópico do capítulo desenvolve as fontes que constituíram a análise das coleções do período 1995-2010. Explico a metodologia que me encaminhou para a análise da coleção de indumentária, em meio as demais outras 28 possibilidades do acervo.

² Completos em 30 de janeiro de 2020.

A terceira parte apresenta a tríade expositiva que comunicou representações das histórias das mulheres. Por último, findo o artigo realçando os objetos de indumentária que perpassaram o processo de musealização, colocadas como subordinadas, indistintas e pautadas na unicidade de uma classe, etnia e grupo.

O objeto de estudo particularizado: o MJC meios e métodos

O Museu Julio de Castilhos (MJC) é uma instituição histórica e de caráter histórico. Está localizada no centro histórico da cidade de Porto Alegre, RS, ocupando uma sede de duas casas contíguas construídas no século XIX. Foi criada por Antônio Augusto Borges de Medeiros em 1903, como Museu do Estado do RS. Em 1907, recebeu a denominação de MJC em homenagem ao político que idealizou a sua criação. Além do que, Julio Prates de Castilhos viveu e morreu na casa destinada a abrigar a Instituição.

O Museu possui acervo de 11.324 objetos constituídos principalmente pela doação da sociedade rio-grandense. Os objetos do MJC foram classificados em 29 coleções a saber: armas, arquitetura, arreamento, bibliografias, bandeiras, condecorações, documentos, etnologia, filatelia, heráldica, iconografia, indumentária, instrumentos musicais, instrumentos de trabalho, máquinas, medalhas, mobiliário, numismática, objetos decorativos, objetos domésticos, objetos de uso pessoal, objetos gerais, regionalismo, sigilografia, tesserologia, utensílios domésticos, viaturas. Tais classificações demonstram vários estratos de tempo na trajetória do Museu.

O Museu passou por mudanças de caracterizações da sua tipologia e das coleções. Do perfil eclético dos primeiros 50 anos, avançou para colecionar unicamente objetos voltados para a regionalidade rio-grandense. Até a década de 1960, o delineamento do acervo era desenvolvido para a aquisição de peças de artes, ciências naturais e algumas coisas históricas.

Por meio do Decreto Estadual nº 589 de 1958, a instituição especializou-se na tipologia histórica. Desse modo, manteve o encargo de preservar a memória política, das relações sociais e o modo de vida do RS. No decurso do século XIX e XX, os museus históricos em geral, e o MJC em particular, foram espaços considerados como produtores de narrativas ligadas a formação identitária nacional. Essa concepção foi condicionada a historicidade dos próprios museus, que caminham em paralelo com os rumos das sociedades. Mesmo que aparentassem neutralidade nos discursos e representações, os processos institucionais de aquisição, preservação, exposição, educação, procuravam não deixar transparecer intencionalidades presentes.

A institucionalização dos museus como hoje os conhecemos teve início com os museus científicos. Foram formados de acervos removidos dos elementos da natureza, voltados para a

pesquisa e o aprendizado de determinados grupos. Dessa condução permaneceu a ideia do ordenamento, da transmissão de informação e de dar sentido ao passado. A materialidade e a visualidade caracterizaram o modo como os objetos foram dispostos a serviço de narrativas, estruturadas por ideias, valores, moldando comportamentos, no tempo e no espaço.

Na atual perspectiva, os museus históricos podem ser admitidos como agentes transformadores das relações sociais. A Sociomuseologia, aporte teórico que coloca os museus integrados às comunidades, podem agir como transformadores da sociedade em favor de refletir seus problemas (PRIMO, 1999).

Assim, mais do que restringir as suas narrativas sobre histórias de personagens e feitos privilegiados, normalmente sob o viés do masculino, os temas e as propostas se ampliam, gerando inúmeros desconfortos no campo de tensões e disputas que esses espaços articulam na produção de memórias e histórias.

Musealizar peças que são retiradas do seu contexto de uso e tempo, para receber nova atribuição simbólica e funcional museológica, é um jeito de exercer controle sobre a historicidade das coisas e das pessoas. Na apropriação que o museu faz do valor simbólico do objeto sobre um determinado tipo de real, há uma construção sempre passível de reconstrução.

Podemos considerar que as indumentárias, produzem sentidos que se revelam em classificações sobre as experiências dos sujeitos. De modo que propus articular análise, dentre outras possíveis, sobre os objetos da cultura material regional pertencente as mulheres.

Examinando as incorporações de indumentária que foram pertencentes e usadas por mulheres, e musealizadas no MJC entre os anos de 1995-2010. Meu posicionamento foi de que esses objetos conformaram distinção, invisibilidade e insuficiência sobre a memória social das mulheres rio-grandenses. O modo que a instituição museu possui para gerar formação histórica (RÜSEN, 2014), ou seja, tornar prática a compreensão da história nas experiências humanas, é feita pela mediação dos objetos.

Escolares e demais públicos buscam a compreensão do passado nas referências dos objetos. Como testemunhos, esses objetos representam a cultura material historicizada, possibilitando interpretar sobre a realidade social, no que Waldissa Guarnieri (2010) chamou de fato museológico, estabelecer uma relação profunda entre o ser humano como sujeito conhecedor, com a realidade apresentada pelo objeto no cenário do museu.

Evidencio assim que, as peças trazem noções simbólicas elementares do passado no presente. O processamento museológico de transformar um objeto abduzido de sua funcionalidade original para receber estatuto de fato museal, é feito por seleções repletas de

lutas e tensões. O museu, portanto, é campo político, sem nenhuma neutralidade. Muito pelo contrário: os museus são lugares de posições disputadas nas narrativas que apresentam, principalmente em exposições.

Para compor o acervo a peça é avaliada nos critérios que lhes são inerentes, e, nos de atribuição de valores, sentidos, significados. Conforme a conveniência da classe, do grupo ou da etnia a que está relacionado, o objeto musealizado atende atributos do seu meio. Além disso, é preciso reforçar que a representação do passado é organizada pelos agentes históricos que doam o objeto, em contrato com os funcionários que o recebem e documentam.

Isso quer dizer que os museus e seus acervos, são importantes instrumentos para se verificar como as memórias sociais estão sendo construídas. Uma visita ao museu ou uma pesquisa a respeito dele, são possibilidades de acompanhar a produção do passado em outras fontes historiográficas que não apenas as tradicionalmente acompanhadas por historiadores, da cultura escrita dos textos em arquivos.

O passado escrito de acordo com a materialidade dos objetos é laborioso e pouco conhecido. De modo que esse artigo também tem a intencionalidade de provocar a reflexão de como a cultura material pode ser empregada na interpretação das relações do passado com o presente, sobretudo, nas relações de gênero. Explorar seus recursos, métodos e técnicas dá acesso ao estudo das mudanças e permanências das representações e das narrativas na articulação do social. A questão da captação da memória por esses lugares se deu no uso dessa para investimentos políticos, ao exemplo das categorias como gênero.

Maurice Halbwach (2013) estabeleceu a memória coletiva a partir de quadros sociais como a família, a igreja, a escola e as instituições museus. Mas, deixou pouco espaço as subjetividades e as individualidades, absolutamente inerentes as memórias sociais. Os historiadores dos *Annales* abriram espaço aos sujeitos excluídos das narrativas: mulheres, negros, pobres e outras categorias em que os acervos museológicos estão repletos de representações. O que importa compreender é que esses textos em formato material, deram abertura a discussões que dizem respeito ao direito a memória. As condições de comunicação, conteúdos, o que lembrar e o que esquecer, vem prosperando como oportunidade de debates sobre os museus.

O pressuposto deste texto é de que o espaço museológico do MJC, e todo o seu processamento operatório específico, está canalizado para a didatização histórica (RÜSEN, 2007), ação que estimula o conhecimento histórico no cotidiano, em processos, conteúdos e agendas. Roupas, sapatos e acessórios da coleção de indumentária atribuída ao feminino,

apontam para outras possibilidades de compreensão das experiências humanas, e, portanto, são fontes de informação e conhecimento passível de exploração.

Dentre as experiências, as indumentárias preservadas no MJC, considerado como “museu educador”, podem dizer muito a respeito dos significados construídos sobre homens e mulheres. Durante muito tempo a centralidade apresentada no MJC esteve predominantemente ligada aos objetos de representações de masculinidade, situações de guerra, de política, de economia, de trabalho entre outras cujo acesso era desautorizado a uma parte das mulheres.

Vânia Carvalho (2008), creditou aos objetos simbologia e significação de individualidades sexuadas. As peças classificadas como masculinas pertencentes a um determinado tempo e espaço, caracterizam e desenham personalidade de gênero. Atribuindo-lhe valores, qualidades, modos de ser quase sempre embasados em critérios racionais do universo do trabalho e dos estudos, interditados a elas.

Às mulheres restou a submissão das ordens bíblicas de representação. Para a referida autora, os objetos da casa retoricamente ligados ao seu corpo e sua personalidade, remetiam a função de mediadora. Cabia a elas administrar as relações no meio familiar e social (CARVALHO, 2008). A insuficiência dos recursos da cultura material difundidos e pesquisados nos museus a respeito de mulheres levou os públicos, a falsa percepção de ausência de protagonismo feminino na História.

O MJC recolheu ao longo de sua história, acervo ligado as figuras da intelectualidade e do poder político e econômico, legitimando a prerrogativa masculina nos objetos, discursos e exposições. As salas expositivas têm longa duração temática, relacionadas a um perfil historiográfico linear e factual. Os conteúdos estão de acordo com os disciplinares escolares. Há as salas Indígena, Missões, Revolução Farroupilha, e a sala com o mobiliário que foi pertencente à Julio de Castilhos, como alusão ao período republicano. Os demais espaços públicos do Museu são designados para exposições temporárias e itinerantes.

Fontes que trataram as histórias das mulheres no MJC

A coleção de indumentária do Museu é uma das partes de um grande jogo das relações que está contida no tabuleiro das narrativas, representações e práticas.

Para compreender o percurso museal dos objetos e o modo como o MJC elaborou suas representações e narrativas, estabeleci a leitura do Livro Diário do acervo. Consta que, a operação museológica se desenrolava da seguinte forma: o primeiro passo se dava com a recepção da (s) peça (s) doada (s). O sistema de doação é uma das maneiras de ingresso do objeto, sendo a mais corriqueira dentre as demais: compra, legado, permuta e coleta.

A maior parte das doações realizadas no período em questão foi de homens, sobre homens. As doações feitas pelas mulheres privilegiavam as histórias de maridos, filhos, pais e outros parentes. Via de regra eram peças caracterizando a oportunidade de celebrar as façanhas julgadas dignas da história, recobertas da memória familiar, presunçosa da validade e importância do personagem.

No entanto, sistematicamente, as doadoras falavam de si. Entregavam ao Museu, partes de suas memórias materializadas em objetos repletos de sentimentos dos acontecimentos passados. Desse modo, foi concebida a coleção de indumentária feminina: roupas, sapatos e acessórios da condição humana. Da condição atinente a representatividade das mulheres, historicamente, mães, esposas e filhas.

A Instituição recebia o objeto e dava à doadora um documento de aceite, comprovante da entrega em caráter incondicional da transferência de posse. Em seguida, era preenchida ficha descritiva do objeto doado³, para seguir na catalogação das coleções. Em sequência, o objeto era higienizado, embalado e acondicionado na Reserva Técnica, aguardando seu uso e difusão aos públicos. Por outro lado, as informações do objeto eram disponibilizadas, primeiro nas fichas de papel e depois no banco de dados, recebendo uma numeração classificatória nas coleções.

As informações sobre a peça eram extraídas da oralidade de seus doadores. A investigação de dados mais detalhada para compor a historicidade do objeto musealizado, somente tinha algum desenvolvimento no destaque para compor uma exposição. E mesmo assim, somente a funcionalidade, data, propriedade e descrição eram precariamente referenciados.

Depois de entender como se dava o processo de composição da musealização do objeto no MJC, passei a investigar o teor do preenchimento de dados e informações que constam das fichas digitais do Sistema Donato⁴. A escolha da classificação indumentária não foi aleatória. Representou a maior parte do acervo adquirido entre 1995-2010. Porém, as peças relacionadas às histórias das mulheres estavam em menor volume. Das categorias da indumentária feminina, destaquei acessórios, vestimenta doméstica, roupas íntimas (brancas), roupas de festa,

³ Até 2004, ano que foi instalado o banco de dados, o acervo era registrado em fichas de entrada manualmente. Essa ficha ficava armazenada em arquivos de aço, e o objeto era inserido no Livro de Tombo. Após a instalação do Banco de Dados Sistema Donato, o objeto passou a ser registrado diretamente no meio virtual. Todas informações do acervo foram transferidas para o Sistema, e o Livro de Tombo foi desativado.

⁴ *Software* desenvolvido pelo Museu de Belas Arte no RJ e disponibilizado mediante aquisição em projetos de modernização de museus, pelo Departamento de Museus atual Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Como o sistema foi desenvolvido para atender acervo de arte, foram realizadas modificações de forma a possibilitar a documentação de coleções históricas (GEMENTE, 2011).

vestimentas cerimoniais e vestidos sociais. Saliento que os acessórios foram os objetos mais abundantes entre as doações.

A ampliação da coleção de indumentária se deu no período de 1995-2010, tendo relação com a reabertura do Museu ao público e a retomada de aquisição do acervo. A motivação se deu pela reformulação do conceito de coleção, numa nova forma de administração da gestão museológica. Após um seminário ministrado pelo ex-diretor do Museu Paulista, Ulpiano Bezerra de Menezes, que visitou o MJC e contribuiu com a reorganização do acervo, o MJC estabeleceu uma nova abordagem para as coleções e método de catalogação.

A coleção de indumentária, desde então cresceu em volume e variedade. Onde reservava colecionar, preferencialmente, artigos do guarda-roupa masculino, abriu-se espaço para aquisições de peças corriqueiras, apropriadas no uso do segmento feminino. Não apenas aquelas roupas articuladas aos grandes feitos e fatos, mas peças que possibilitassem restituir às mulheres, lugar no processo histórico em seus múltiplos afazeres, mobilizações e interesses.

Contudo, o arranjo de representação das mulheres nas fichas do acervo seguiu conformando a expressão das mulheres privilegiadas da sociedade. Os documentos de entrada da peça apresentaram descrições das características segundo experiências de vida das mulheres da elite porto-alegrense e gaúcha. As lembranças de filhas, esposas, mães, avós de famílias importantes, são as memórias contadas. Por serem praticamente biográficas, prescreveriam a necessidade do crivo historiográfico, o que não aconteceu.

A questão não é de desprezar tão respeitáveis contribuições. Os registros dessas trajetórias familiares são extremamente válidos. Entretanto, inserem um ponto de vista único e hierárquico diante da multiplicidade de mulheres existentes, em suas pluralidades étnicas, de idade, de cor, de posição, de tamanho. Concluo que esses registros das fichas do Donato elaboraram uma duração de tempo reconstruído da memória, provocando a omissão do museu na perspectiva de representação diversa do universo das mulheres.

Exposições de objetos conformadores às histórias das mulheres

Entre outras realizadas no contexto 1995-2010, três exposições temporárias fizeram referimento ao posicionamento social de mulheres. Os objetos participantes das mostras, adquiridos no período em questão, tiveram narrativas construídas no entendimento do conceito de feminino, entendido pela divisão dos papéis sexuais. A primeira das três mostras foi denominada “Anita Garibaldi, heroína de dois mundos (1997).

Essa exposição contou com objetos concernentes a trajetória da personagem Anita Garibaldi, numa visão histórica romanceada de sua participação nas lutas revolucionárias ao

lado do marido. As peças que participaram da exposição foram da coleção iconográfica do Museu: retrato de Anita, gravuras de cenas épicas imaginadas e criadas pelo artista Edoardo Matania, e xale que teria pertencido a personagem.

As gravuras e o retrato de Anita revelaram uma mulher à sombra do idealismo e da liderança do cônjuge. A protagonista foi demonstrada em situações marginais à sua própria história, vinculada na visibilidade do marido: Transpondo o Rio Canoas (objeto nº 5433/Ic), aos 24 anos (5434/Ic); ardendo em febre (5436/Ic); no leito de morte (peça 7079/Ic); o encontro com Garibaldi (5432/Ic); o amor de Garibaldi (5437/Ic), e a gravura do primeiro filho do casal Domenico Menotti (5439/705). Observa-se que a biografia da personagem não fugiu as idealizações da mulher apaixonada, mãe de família e companheira incansável que reveste as interpretações do papel feminino, ainda ecoante na construção da sociedade.

A segunda exposição, “Retratos de Casamento (1998)”, pelo próprio título já demonstra qual o horizonte de expectativas era esperado do comportamento feminino: casamento, família, procriação. A “tríade sagrada” daquilo que a sociedade esperava das mulheres, mesmo em finais do século XX, não foi superada. O evento repercutiu em parte, porque a curadoria foi produzida e divulgada por uma senhora jornalista de renome na sociedade gaúcha e porto alegreense.

Ela usou de sua rede de sociabilidades para captar recursos materiais e financeiros que engrandeceram a expografia. Por conta desta parceria, a mostra que durou trinta dias, recebeu apelo de divulgação na televisão e no jornal de alcance no RS. A outra parte do bom resultado de públicos se justifica, na curiosidade popular de conhecer reproduções dos vestidos de personalidades nacionais e internacionais, contidas nas representações. Os estilistas locais fizeram cópias dos vestidos das celebridades como Lady Diana, Miss Brasil Dayse Nunes, Jaqueline Kennedy, entre outras da elite gaúcha. Contudo, o discurso manteve intacto o sistema de relações de dominação das mulheres frente ao casamento, glamourizado sem crítica a instituição e seus pormenores. Nessa apresentação, o MJC se compatibilizou com a posição da mulher vinculada exclusivamente aos afetos e emoções. Manteve a dimensão do comportamento e compartilhou da noção de anseio das mulheres a uma vida familiar.

Fotografia 1 - Sala das noivas, modelos das personalidades



Fonte: arquivo fotográfico de eventos do Museu. Sem autoria. Ano 1998.

A exposição Retratos de Casamento que o MJC apresentou não problematizou os conflitos, violências e contribuições do matrimônio e maternidade para a emancipação e a igualdade de condições sociais às mulheres. Reconstruiu representações que proclamaram manutenção da dependência e conformação delas dentro da esfera doméstica.

A terceira exposição que o Museu abordou no período 1995-2010 foi intitulada “Com que roupa? ”. Datada de 2008 e fundamentada na apresentação de peças da coleção para diferentes necessidades sociais e culturais, foi composta das indumentárias masculinas, femininas e infantis da coleção, com ênfase no contexto da primeira metade do século XX.

As roupas selecionadas para a expografia referente as mulheres foram pautadas nas categorias da classe média, da etnia branca, e da faixa etária jovem. Esses marcadores remetiam ao apelo de consumo, estética e beleza na classificação das mulheres. Compuseram uma personagem: mulheres elegantes, charmosas, impecáveis em roupas encantadoras, cuja representação era o ideal das classes abastadas. Uma história não contada por elas, sustentando a continuidade de um estilo de manutenção de um *status quo*. As representações das mulheres nas roupas da exposição estiveram dispostas na domesticidade, no lazer e na estética dos corpos, embasadas em valores de continuidades relativas. Chapéus, vestidos e sapatos de festas, bailes, passeios, luvas, colares e leques, maiôs e bolsas de passeio demonstravam a condição de um grupo, legitimando a diferença social e a assimetria das relações de gênero. As peças seguiam modelos eurocêtricos editados em revistas de moda que a elite tinha condições de adquirir. Isso fica evidente na expografia da exposição “Com que roupa? ”, mostrada na figura nº2.

As autoras Marina Maluf e Maria Lucia Mott (1988) descrevem que algumas dessas revistas, incentivavam em textos, recomendações e editoriais que as mulheres casadas praticassem os ditames da modernização, Cortes de cabelos, roupas e acessórios salientes, para

a distinção social e econômica, apontam sucesso do seu provedor. A elas foi estabelecido apenas um lugar, dos valores constituídos pela família heteronormativa.

Fotografia 2 - Acervo incorporado entre 1995-2010 na Exposição “Com que roupa”



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora. Ano 2008.

Uma exposição é o discurso da instituição tornado público, é a ponta de um *iceberg*, cujos processos se encontram ocultos e submersos nas práticas cotidianas da instituição, nem por isso isentos. Para Marília Xavier Cury (2006), a exposição é o conteúdo e a forma associada pela interdependência com os objetos. Assim sendo, o museu deve assumir o desafio de construir experiências que signifiquem positivamente reflexão e análise.

No caso das desigualdades entre os homens e as mulheres obliteradas na exposição, foram elementos despercebidos desse processo no MJC. O caráter educativo e de transformador social pelo desenvolvimento da consciência histórica, são colaborações renovadoras a serem exploradas no museu, e as histórias das mulheres tem muito a contribuir. Não é por ser a instituição referência da história regional do Estado do RS que, o MJC necessita reproduzir a perspectiva da pretensa inferioridade da mulher. Ele é um espaço eminentemente educativo, que tem o cenário favorável a não formalidade na produção do conhecimento.

Indumentárias musealizadas do MJC e suas representações

No tocante ao tema gênero e museus, são escassos os trabalhos produzidos. Os já existentes exploram basicamente duas frentes: as exposições museológicas ou biografias de personalidades destaques. Destaco autoras como Aída Rechená (2011), Vânia Carvalho (2008), Irene Vaquinhas (2014), Joana Angélica Silva (2016), que se debruçaram nos temas citados. Seus textos foram importantes contribuições para ampliar reflexões e diálogos da relação dos objetos dos museus com as problematizações de gênero.

Já mencionei que o MJC possui 29 coleções em seu acervo. Dentre elas, destaquei 1.140 objetos catalogados na coleção indumentária, e que constituem 9,76% do total. No período de 1995-2010, foram incorporados nessa coleção 296 peças de indumentária, sendo especificamente, 109 objetos entre 1995-1998; 68 da etapa 1999-2002; acrescido de 98 artefatos dentro dos anos 2003 ao 2006, e finalizando com as doações de 21 objetos entre 2007-2010. Então, o que significaram esses dados para o que nos propomos investigar? Que relação as indumentárias trazem a respeito das relações de gênero em um museu regional?

Os objetos que formam a coleção de indumentária do MJC foram tipificados por roupas, sapatos e acessórios, trajes caracterizados como masculinos, femininos e infantis: vestidos, chapéus, roupas íntimas, casacos, calças, paletós, gravatas, chapéus, leques de abanar, joias e bijuterias, entre outras acentuadas variedades de exemplares que desvendam padrões de temporalidade, de culturas, de comportamentos e valores. Os dados acima coletados estão enquadrados em períodos, a partir das quatro gestões que administraram o MJC, entre 1995-2010.

Cada diretor do Museu teve um mandato de quatro anos, porque são funções comissionadas do governo estadual que se renovam democraticamente, nesse interstício. Verifica-se que de 1995-2010 o volume de aquisições de acervo teve redução. Se na gestão 1995-1998 as incorporações avançaram, modificando o perfil das coleções, nas demais outras administrações os registros no banco de dados indicaram recolhimento passivo (corporificado pela ausência de uma política de aquisições). As análises deram a ver o que ocorreu com base em duas circunstâncias: problemas infra estruturais da instituição, acarretando fechamento temporário e afastamento dos públicos e, a percepção do corpo funcional de que a importância social do MJC não estava na preservação acumulativa de patrimônio e sim, pelas ações educativas.

Para tanto, foi necessária readequação das atribuições precípua do museu, dentre elas a atração pelo colecionismo. A imposição de adquirir objetos passivamente, sem planejamento estratégico e diagnóstico de gestão foi melhor escalonada. A diminuição das aquisições foi contornada para a qualidade delas. Menor volume, mas com qualidade e significação de objetos. Considero que essa ação mostrou uma preocupação do corpo funcional com a gestão das memórias, mostrando que o museu tenderia a atualizar sua função cívica, para uma reflexão mais inovadora, incluindo outros imaginários.

No que se refere as relações de gênero, compreendo que as intelectuais mediadoras são frutos do seu tempo, e se apoiavam nas condições do seu presente para acomodar o passado.

Reconheço que o seu engajamento ou não, na questão das narrativas e representações das histórias das mulheres, foi resultado da composição dos seus saberes históricos, pautados no masculino como único sujeito da história. Elas são frutos do seu tempo, e é necessário considerar suas identidades construídas dentro desse sistema de relações. Por este ângulo, evidencio a distorção das informações geradas na produção de sentidos sobre as peças de indumentária.

A dissociação das informações sobre os acervos comprometeu notadamente, os sentidos históricos das peças. Perceber que nas indumentárias existe um passado a ser pesquisado e compreendido, requer investimentos que o Museu não dispunha e ainda não desfruta. Poucas peças receberam investidas de pesquisa histórica, no máximo articulada a dados intrínsecos e de informação empírica dos doadores, o que inviabilizou uma reflexão pormenorizada e de embasamento teórico seguro para as abordagens. Um museu histórico que não investigou história nos seus objetos.

Vamos agora tratar da especificidade das roupas identificadas como femininas. A escolha se deve por estarem revestidas de significados que mobilizam discussão e estudo de gênero, proposta do artigo. Musealizados, os vestidos, sapatos, chapéus, roupas íntimas, etc., estão ligados a fatores socioculturais. São muitos os conflitos envolvidos no não tão simples ato de cobrir o corpo. Tem envolvidos valores éticos, morais e sociais dos quais somos partícipes como sujeitos e agentes, invariavelmente.

A figura 4 apresenta um acessório representativo da identificação do lugar da mulher, registrado no banco de dados do acervo. O chapéu vermelho é signo de atrativos sexuais, mas também da ostentação da classe média e alta. Usar a peça era uma forma de legitimar o matrimônio de sucesso, e muito provavelmente um destaque social da identidade da sua usuária.

Fotografia 3 - Chapéu



feminino coleção Indumentária do MJC

Fonte: Banco de dados Donato nº10771. Data registro nov. /2010

De acordo com o que escreveu Marina Maluf (1995, p. 80): “As circunstâncias de vida nos vestidos que elas usam, seus amores na cor de uma echarpe ou chapéu, São para elas relíquias das quais só elas sabem o preço [...]”.

A coleção de indumentária do MJC conta com diferentes tipos de vestidos femininos. Tem em si as características cronológicas de suas doadoras: mulheres jovens, em idade reprodutiva. O comprimento das saias, a largura das cinturas, o tipo de tecido, os cortes e decotes, modelagem e cor são indícios das características das protagonistas que os vestiram, que mostraram seu modo de vida. Essa tipologia de acervo possibilita analisar os grupos da qual fez parte, e experiências pessoais que se desenrolam a partir de pesquisas, entrevistas e oralidade da memória das doadoras, numa situação de imortalizar momentos, vidas e feitos.

A figura 5 evidencia que “a memória das mulheres é trajada” (MALUF, 1995, p. 82). A cor rosa do vestido de cintura fina e comprimento longo doado ao acervo do MJC, remete apropriado à perspectiva dos usos, costumes e controles da “moça de família”. A peça confirma o espaço social destinado às mulheres, sustentado e apropriado na tríade casamento, maternidade, domicílio. Desde cedo as vestimentas já introduziam na subjetividade as concepções a serem seguidas e reproduzidas, por gerações ou pela tradição reportada na documentação museológica. A vida oculta na privacidade da casa se apresenta na aparência rosa, cor usada pela dona de casa como sinônimo de feminilidade, construindo representação de um comportamento recatado, esperado das damas afortunadas pelo casamento e dos recursos financeiros de seus esposos. Uma mulher bibelô, conferida pelo museu.

Fotografia 4 - vestido da coleção Indumentária MJC



Fonte: Banco de dados Donato, n° 9163. S/data.

A questão da representação cronológica nas roupas fica evidente. O tema exige muito a se dedicar, o que não nos permite espaço neste artigo. Na perspectiva biopolítica das relações

sociais expressas no museu, conservar memórias de mulheres saudáveis, jovens, de boa formação e saúde reforçam o ideal civilizatório. Seguiam padrões de moda e dedicação na constância de sua condição social, visto que os adereços das roupas seguiam à semelhança dos hábitos de requinte, higiene, estética, produzindo *status* pessoal e diferença.

Os vestidos analisados são manufaturados, industrializados, artesanais, em diferentes tessituras, cores, tamanhos, formatos, modelagens, proporções e outros predicados que retratam a prodigalidade dos corpos, gostos, recursos, usos e outros indicadores de expressão que mulheres e homens padronizaram como identificadores de gênero. Para além disso, um modo de vida burguês já que apresentam diferenciações na confecção, indicando multiplicidade de eventos como festa, coquetel, baile de debutantes, casamento, noivados, cotidiano, trabalho, intimidade e outras modalidades que indicam a posição das classes e da etnia.

Construindo expressividades, os objetos de indumentária do MJC legitimam as narrativas históricas hegemônicas, especialmente compostas na predominância dos valores do masculino, do patriarcalismo e da heteronormatividade. Resquícios de um pensar e agir histórico. As roupas femininas de mulheres brancas, e da classe média e alta do acervo, imprimem impressões de reforço ao já desgastado, porém, ainda presente.

Ademais, essas roupas e seus desdobramentos de vestir, acessórios e calçados, representam estereótipos de gênero, que tem relação direta com identidade. Assinalar estereótipo de gênero é estabelecer um processo modelar. Relaciona perpetuidade de esquemas mentais e sociais, que atribuem juízos de valores, subjetivando códigos e condutas generalizantes. Os estereótipos limitam ou neutralizam as potencialidades e as opções humanas, convencionando interpretações culturais.

Vejamos dois exemplos do vestuário feminino vários modelos representativos: os vestidos de noiva, e as roupas de trabalho cotidiano. Os de noiva, tiveram suas incorporações a partir de doações de senhoras vinculadas as sociabilidades da diretora que administrou a instituição MJC, entre 1995-1998. Foram adquiridos para compor a exposição temporária “Retratos de Casamento”.

A exposição cujo teor condicionava a atividade social e profissional das mulheres ao casamento, seguido da domesticidade e da maternidade, expressava nitidamente uma percepção tradicional e hierárquica do Museu. Primeiro porque não há homogeneidade de mulheres, menos ainda, essa tríade casa, filho, estado civil, interferiu nas capacidades femininas de atuarem historicamente em todas as frentes dos processos de desenvolvimento da ocidentalidade. Vânia Carvalho (2008) estudou os artefatos do Museu Paulista onde, os objetos

desempenham papéis. Para a autora a categoria de repertórios centrífugos é colocada nos objetos femininos, nas quais operam representações e práticas da presença feminina fazendo a integração do corpo feminino com os objetos domésticos.

A casa, suas rotinas e objetos cotidianos fazem parte das ordenações patriarcais que colocam as mulheres em desigualdade estrutural de poderes e as subordina na égide do lar e masculina. A posição “centrífuga” que a autora coloca, remete ao pensamento de que a ampliação do acesso das mulheres as representações políticas têm relação com as oportunidades educacionais, dentre as quais os museus estão diretamente imbricados. Desde o século XIX, foi naturalizado o lugar das mulheres, o domicílio, por conta do sexo biológico, onde não eram capazes de se esclarecerem, pois controladas pelas forças da natureza. O argumento justificava a sua exclusão do campo político e das decisões na falta de condições intelectuais, emocionais e físicas para ascender nas atribuições. Estas representações sociais tão comuns nas exposições dos acervos dos museus, servem como certificação do discurso patriarcal.

Na coleção de indumentária do MJC aparecem ainda, roupas de trabalho, ou cotidiano. São peças de uniformes escolares, aventais de cozinha ou de professora, figurinos de enfermagem, e outras de uso íntimos como, calçolas, *Sutien*, corpetes, camisolas, espartilhos, *chambres* e anáguas. Novamente, como os vestidos de noiva, são peças que identificam categorias de classe, etnia e grupo, exprimindo características de aparência atribuídas a feminilidade. Na documentação museológica, conjunto de procedimentos e ações de registro e informação após a musealização, essas peças têm seus descritores condicionados a interiorização mecânica do sexo feminino. Valorizam a eficácia simbólica de sua identificação singular.

Em maioria, as peças que se referem as enfermeiras, são descritas com valorização do trabalho quase “assistencial” da atividade, misturando elementos moralmente aceitos e cristalizados, a enfermagem é trabalho “sério” na caracterização feminina. A respeito das roupas “íntimas” verifiquei que quase não foram inseridas informações referentes a sua historicidade. Constituem no Sistema Donato informações intrínsecas, estas óbvias frente a observação da materialidade da peça, mas nada além.

No que se refere as informações extrínsecas, dos significados aferidos, nenhuma palavra se refere as genitálias, nem ao corpo. Os registros de informação mencionam a questão estética das peças, como elementos de sedução ou sentido erotizado. A coleção do MJC tem peças de períodos diferentes, do final do século XIX aos 1960 do XX, em que o controle social restritivo das mulheres e homens era intenso. Portanto, ornamentos, babados, fitas e outros decorativos

abundantemente acoplados as funcionalidades das peças, eram ambíguos, pois usados nas duas faces do modo como as mulheres podiam ser representadas. De um lado o aspecto doméstico, da casa, da família, mãe, do âmbito privado da dominação masculina; e do outro, a das mulheres públicas ou prostitutas, no pejorativo do discurso machista predominante.

Como foi dada a conotação de se tratarem de objetos do vestuário íntimo feminino, as peças consideradas “brancas”, as que fazem parte do ciclo reprodutivo natural de qualquer fêmea. Essas peças ficavam escondidas sobre camadas de outras roupas, como medida de higiene, e principalmente como elementos de comunicação, mensagens bilaterais de uma condição comportamental e de valores morais, na subjetividade de suas representações. Para esses objetos há toda uma trajetória possível de interpretações e de significados que não são desenvolvidos em favor das histórias das mulheres, em seus períodos de vida. De qualquer forma, essas indumentárias, sejam populares (em mínima quantidade) ou de manifestação de uma elite, são sistemas individuais e coletivos que manifestam normas estruturadas a serem descortinadas pelos pesquisadores (BARTHES, 2005).

As peças de roupas brancas, assim como as demais indumentárias, ensinam. Questões de gênero e história, em toda a sua variedade podem ser liberadas para investigação e formação pela sua materialidade e visualidade. Nelas há indícios de distanciamento temporal, e diferença contextual entre o passado e o presente, como documentos e testemunhos, mostrando transformações únicas e plurais ocorridas e ou desaparecidas.

Considerações finais

Os padrões estabelecidos socialmente para o uso das indumentárias são pontos cruciais para se compreender as demarcações de gênero. Na observação ainda superficial e em construção desses instrumentos de discursos, selecionados, adquiridos, preservados e difundidos no MJC, é possível perceber a assimetria e a desigualdade nas relações históricas entre homens e mulheres.

Tecidos e roupas emitem alocações de posições condicionadas social e culturalmente, e precisam ser problematizados. Há necessidade de esmero metodológico. São muitos objetos a serem trabalhados e a documentação museológica especificada no banco de dados Donato e no Livro Diário, não dão conta da amplitude da historicidade frente o predomínio memorialístico. Não havendo pesquisa museal no acervo, segue-se a perspectiva disfuncional das representações tradicionais do espaço social das mulheres no ambiente familiar, na função maternal e na subordinação marital.

As narrativas de gênero transcorridas pelo MJC pelos objetos de indumentária do acervo constituído entre 1995-2010, mostram que o presente se faz de múltiplos passados. De forma que, ao visitarem exposições e participarem de ações educativas do MJC, meninos e meninas encontrem presenças de percepção de outras abordagens de gênero nos objetos de indumentária que não sejam expressões de um paternalismo misógino constituído no passado e ainda retumbante no presente. O Museu é lugar fórum, de discordâncias e discussões das existências coletivas. Que possam ter no museu um ambiente de oportunidade de perceberem nas roupas, atos imperativos de gênero.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Inéditos: imagem e moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BITTENCOURT, J. N. Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 28, p. 8-19, 1996.
- BRULON, Bruno. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 55, p.01-26, 2018. Disponível em: <<https://www.pagu.unicamp.br/es/cadernos-pagu>>. Acesso em: 18 abr. 2019.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**. São Paulo EDUSP, 2008.
- CARVALHAL, André. **Moda com propósito: manifesto pela grande virada**. São Paulo: Paralela, 2016.
- CURY, Marília X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.
- DEL PRIORE, Mary (ORG.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.
- GEMENTE, Gilson. Vinte anos de Donato: um breve histórico do banco de dados do Museu Nacional de Belas Artes. In: BEVILACQUA, Gabriel Moore Forell; MARINGELLI, Isabel Cristina Ayres da Silva (Coord.). **I Seminário Serviços de Informação em Museus**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p. 127-132.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio. **Textos e contextos de uma trajetória profissional**. Maria Cristina de Oliveira Bruno (Org); colaboração: Maria Inês Lopes Coutinho, Marcelo Mattos Araújo. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Volume 1 e 2.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HIRATA, Helena Sumiko et al. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.
- _____; MOTT, Maria Lucia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V.3, p. 368-424.

MENESES, U. T. B. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan. /dez. 1994.

OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. Museologia e Ciência da Informação: distinção e encontros entre áreas a partir da documentação de um conjunto de peças de "Roupas Brancas". 2009. 122f. **Dissertação** (Mestrado). Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRIAMO, Judite. **Pensar contemporaneamente a Museologia**. Cadernos de Sociomuseologia, n. 16. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades, 1999.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.1 (Memória/História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 51-86, 1993.

RECHENA, Aída. Sociomuseologia e Género: Imagens da Mulher em Exposições de Museus Portugueses. **Tese** (doutorado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2011. Disponível em: http://www.museologiaportugal.net/files/upload/doutoramentos/aida_rechena.pdf. Acesso em 2015.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã**. Petrópolis, R: Vozes, 2014.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. V. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Joana Angélica Flores. A representação das mulheres negras nos museus de Salvador: uma análise em branco e preto. 2015. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VAQUINHAS, Irene M. Museus do feminino, museologia de género e o contributo da história. **MIDAS**. Museus e estudos interdisciplinares, n. 3, 2014.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.